

dossiê

União para quebrar barreiras

O mote ficou bem definido na reunião magna da UNI, realizada na África do Sul. O objetivo passa por ir mais além, quebrando cada vez mais barreiras para um futuro melhor. Mas tal só será conseguido com uma forte união entre todos

Textos: **Pedro Gabriel**

Quatro anos depois do Congresso de Nagasaki, a UNI e as suas filiais voltaram a reunir-se em Congresso, desta feita na Cidade do Cabo, África do Sul, de 7 a 10 de dezembro. Mais de 2000 participantes, oriundos de 420 organizações de 180 países debateram durante quatro dias o futuro do mundo laboral e as novas linhas orientadoras para o sindicalismo, cujo objetivo é dar continuidade ao projeto "Quebrando Barreiras", iniciado em 2010. Em 2018 será a vez de Liverpool receber o Congresso.



Sempre para a frente

"Sempre para a frente, nunca para trás". Foi desta forma que Philip Jennings terminou a sua intervenção na abertura do Congresso. O secretário-geral da UNI afirmou que os objetivos propostos há quatro anos levaram a uma necessidade de apelar à ação, o que tem sido conseguido desde então, tendo aproveitado para elogiar toda a "família UNI" "por ter trabalho e continuado a trabalhar em conjunto e focada nos objetivos".

Philip Jennings apelou a todos para que não se resignem perante as adversidades, citando Martin Luther King. "O arco do universo moral é longo, mas curva-se em direção à justiça".

O secretário-geral explicou ainda que o lema "Todos Juntos" é a visão da UNI para um mundo mais justo. "Aprendam com a crise e levem para casa a mensagem de que as nossas democracias não existem para servir apenas os mais ricos. O neoliberalismo é uma fraude económica e social".

Continuar a lutar

A secretária-geral da Confederação Internacional de Sindicatos fez um discurso apaixonado que elogiou e incentivou o plano "Quebrando Barreiras". "Vocês estão a romper barreiras, a organizarem-se perante a injustiça e a inspirar trabalhadores por mais direitos e salários justos".

No entanto, Sharon Burrow deixou o aviso. "Devemos celebrar as vitórias mas também planejar os próximos anos, pois

IV Congresso Mundial da UNI



Febase representada

A Febase fez-se representar na Cidade do Cabo ao mais alto nível, através do seu secretário-geral Anibal Ribeiro, e ainda de Rui Ritso e Horácio Oliveira, presidente e vice-presidente do SBSI, respetivamente. Paulo Alexandre, do Pelouro da Contratação, e Vânia Fereira, da Comissão de Juventude, também marcaram presença, assim como o presidente do SBC, Carlos Silva.

temos ainda muito trabalho para colocar este mundo nos eixos".

Burrow afirmou que o movimento laboral será de 200 milhões de pessoas em 2018, pelo que é necessário "continuarmos a ser a voz da oposição e do progresso, como maior força democrática do mundo que somos".

Por seu turno, o presidente da UNI, Joe de Bruyn, afirmou que "hoje a UNI está vibrante e viva em todo o mundo".

Sem esquecer Madiba

Passado um ano do desaparecimento de Nelson Mandela, relembrar o histórico líder tornou-se quase obrigatório, ainda para mais realizando-se o Congresso na África do Sul.

Ahmed Kathrada, ativista anti-Apartheid e, tal como Mandela, ex-prisioneiro em Robben Island, recebeu o prémio "Free-

dom from Fear" e num discurso emotivo afirmou que "não importava se falava com reis, rainhas, camponeses ou aristocratas, Madiba tratava todos como iguais".

Kathrada considerou que o mundo sente a falta da humanidade e do conforto que a presença de Mandela conferia a todos, independentemente da idade ou cor.

Antes do Congresso, havia sido depositada uma coroa de flores no Porto Nelsón Mandela. ■

Os eleitos

No Congresso foram eleitos os novos dirigentes para o quadriénio 2014-2018. Entre eles destacam-se Philip Jennings (reeleito secretário-geral), Ann Selim, (presidente da UNI Global), Lee Fishwick (UNI Juventude) e Denise Mcquire (UNI Igualdade de Oportunidades).

Nova era no movimento sindical

Sem sindicatos não há democracia, e sem ela a luta por mais e melhores direitos torna-se impossível. Os desafios do movimento sindical estiveram em debate, pois a defesa dos trabalhadores nunca foi tão importante como agora

O trabalhador comum encontra-se numa situação cada vez mais difícil e isolada no seio da economia, com o défice laboral a crescer, os postos de trabalho a serem substituí-

dos pelas novas tecnologias e a natureza das funções a colocar ainda mais responsabilidade sobre os ombros dos trabalhadores.

Esta situação exige uma rápida e pronta atuação por parte do movimento sindical. São necessárias ideias inovadoras, pois sem uma transformação política e económica profunda os sindicatos correm o risco de desaparecerem ou tornarem-se obsoletos.

O IV Congresso Mundial da UNI foi o ponto de partida para definir uma nova era nos sindicatos, que devem defender salários dignos e empregos decentes como principais catalisadores de criação de riqueza económica e social.

Mudar as regras do jogo

Para atingir tal objetivo, é necessário virar o jogo a favor dos trabalhadores, tomando medidas em quatro áreas essenciais:

Melhores salários e condições – Contrariar energeticamente a tendência de dispersão salarial nas empresas, onde o rendimento, a riqueza e o poder estão apenas ao alcance de alguns;

Redefinir valores e normas das empresas – Atualmente existe uma desconexão entre os valores empresariais – que procuram maximizar o benefício rápido e o progresso económico sustentável –, e o futuro que reparte os frutos da prosperidade económica com trabalhadores e comunidades;

Bom para os sindicatos, bom para a sociedade – Os argumentos macroeconómicos devem promover a ideia de que o verdadeiro motor da saúde económica centra-se em salários dignos e empregos decentes;

Reforçar a negociação coletiva – Os sindicatos devem ter espaço à mesa para redesenhar um sistema económico alternativo para o bem das pessoas e do planeta.

Criar empregos de qualidade

O movimento sindical deve centrar-se na luta pela criação de um modelo económico alternativo, gerador de riqueza e que inclua empregos de alta qualidade como elemento fundamental.



Costuma descrever-se o emprego como o equivalente económico ao direito de voto. O sistema atual está pouco disposto a criar suficientes em-

pregos decentes e o movimento sindical terá de ter a imaginação e os meios para contrariar essa tendência. ■

Perspetivas difíceis para o mundo laboral

É urgente alterar as atuais tendências do mundo laboral: o número de empregos bem remunerados e de qualidade deve crescer de forma substancial

O mercado de trabalho tem vindo a redefinir-se um pouco por todo o mundo devido ao impacto de vários fatores que contribuem para a insegurança no emprego e o aumento de trabalhos precários. As consequências são nefastas para todos os trabalhadores, em especial para os menos qualificados.

O fosso cada vez maior entre as competências disponíveis e as necessidades do mercado de trabalho ameaça fazer parte do futuro do mundo laboral.

As mudanças...

Para a mudança do mercado de trabalho contribuíram vários fatores, dos quais se destacam:

Menor crescimento económico e incerteza financeira – O recuo tem vindo a verificar-se, com um PIB mundial de 4,1% ao ano em 2010 e 2,2% em 2013. Prevê-se que o crescimento do PIB cairá anualmente, em média, 3,6% até 2020.

No passado, o crescimento económico foi vital para a criação de emprego, pelo que é fácil constatar que o contrário trará mais desempregados. Em 2018, serão 215 milhões em todo o mundo.

Demografia – A mudança demográfica é a tendência global que tem impacto



mais forte na configuração do futuro mercado de trabalho. A mão-de-obra mundial é atualmente de 3.100 milhões de pessoas, prevendo-se um aumento para 3.500 milhões em 2020, à medida que a população em idade de trabalhar vá aumentando nos países em vias de desenvolvimento. As mulheres são as mais afetadas pelo desemprego – 6,4% em 2013, contra 5,8% nos homens. A crise reflete-se também no desemprego jovem, com 74,5 milhões de desempregados entre os 15 e os 24 anos. Um maior número de pessoas em idade ativa fará com que seja necessário criar cerca de 600 milhões de postos de trabalho até 2020 para manter a proporção existente antes da recessão;

Transformação tecnológica – O crescimento explosivo do papel da tecnologia no trabalho e na sociedade é uma realidade. Os modelos tradicionais de negócio deram lugar ao comércio virtual de produtos e serviços. Esta transformação provocou e continuará a provocar a eliminação de postos de trabalho de nível médio. Estima-se que 47% dos postos de trabalho na UE corram o risco de serem informatizados nas próximas décadas. O progresso tecnológico leva a que as máquinas façam cada vez mais o trabalho dos homens.

...e as consequências

As mudanças no mercado de trabalho acarretam consequências. Contrariá-las leva a novos desafios:

Défice de emprego – É encontrado na diferença entre o número de pessoas que procuram trabalho e o número de empregos disponíveis. A participação das mulheres no mundo laboral é essencial para o crescimento e criação de emprego, uma vez que poderá adicionar entre 20% a 60% ao PIB mundial;

Polarização – Um dos impactos mais previstos no mercado de trabalho será

O que é um bom emprego

A New Economics Foundation (NEF) define um bom emprego como aquele que cumpra os determinados requisitos. Alguns investigadores tendem a dar prioridade aos pontos 1, 2, 3 e 5, uma vez que estão mais relacionados com o bem-estar pessoal.

Eis os requisitos:

1. Proporcione rendimento digno, suficiente para participar ativamente na sociedade e alcançar uma vida plena;
2. Proporcione níveis razoáveis de satisfação no trabalho e a oportunidade de progressão de carreira;
3. Seja razoavelmente seguro;
4. Não implique deixar a comunidade onde se está inserido;
5. Não implique jornadas de trabalho longas;
6. Não ameace a sustentabilidade do meio ambiente.

um aumento na desigualdade de rendimentos. O salário nos empregos qualificados aumentará, ao passo que nos menos qualificados sofrerá uma queda. A desigualdade é mais evidente nas grandes multinacionais, onde os salários fora de controlo dos administradores contrastam com os baixos rendimentos dos que trabalham em lojas, restaurantes ou cadeias de produção;

Qualidade e vulnerabilidade – A precariedade é cada vez mais evidente. Os trabalhadores enfrentam não só insegurança e desemprego potencial como estão condenados a empregos de baixa qualidade. Para além da vulnerabilidade, a competição pelo posto de trabalho também aumenta, criando muitas vezes dificuldades em conciliar a vida profissional com a pessoal;

Procura de qualificações – Existe, ao mesmo tempo, necessidade de trabalhadores altamente qualificados e um número cada vez maior de jovens desempregados. Isto supõe uma contradição, já que os jovens desempregados representam uma fonte de talento por explorar. A formação e educação serão peças-chave, tal como garantir aos menos qualificados um salário digno. A escassez de trabalhadores altamente qualificados é um entrave ao crescimento das empresas. ■

Onde estarão as oportunidades?

Saber onde estarão as melhores oportunidades de trabalho nos próximos 10 ou 20 anos torna-se num exercício incerto. No entanto, perceber as tendências atuais e o seu reflexo nas regiões geográficas e setores de emprego pode ajudar os analistas a antever perspetivas e a preparar todos, nomeadamente os sindicatos, para os desafios do futuro mundo laboral.

No caso da UE, prevê-se que continue a expansão do setor dos serviços e o da produção de bens voltará a crescer em termos nominais. O setor da saúde e assistência social e os serviços profissionais e empresariais terão o crescimento de emprego mais acentuado.

No setor financeiro, o número de empregos em 2022 será de 8.537 milhões, um aumento de 751 milhões relativamente a 2012.